Laura Bellini



Sem Instruções *para Voltar*

Para Continuarem Juntos,
Precisam Parar de Fazer Planos
Um pelo Outro

Sem Instruções para Voltar

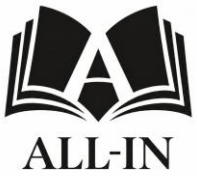
Para Continuarem Juntos, Precisam Parar de Fazer Planos Um pelo Outro

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384900901

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não estavam no projeto.....12
Capítulo 2 - A Distância entre Duas Cadeiras 23
Capítulo 3 - O Que Não Aparece no Projeto..... 33
Capítulo 4 - Lugares aos Quais Voltamos 44
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 59
Capítulo 6 - Antes que as Luzes se Apaguem 70
Capítulo 7 - Do Outro Lado do Beijo.....81
Capítulo 8 - Luzes nas Janelas dos Outros..... 93
Capítulo 9 - O Risco nas Letras Miúdas 105
Capítulo 10 - Sem Planos para Amanhã..... 115
Capítulo 11 - O Que Não Dissemos Pela Manhã 126
Capítulo 12 - O Preço das Coisas Não Ditas.....137
Capítulo 13 - Nem Tudo Pode Ser Salvo 149
Capítulo 14 - A Verdade que Não Cabe no Calendário 161
Capítulo 15 - Tudo o Que Eu Não Disse.....172
Capítulo 16 - O Silêncio Entre Nós.....183
Capítulo 17 - As Coisas que Permanecem.....193
Capítulo 18 - Dois Lugares no Calendário 203
Capítulo 19 - Espaço para Dois Futuros 213
Capítulo 20 - Sem Instruções para Voltar 224

INTRO

A primeira coisa que fiz ao entrar no antigo galpão foi colar uma faixa de fita crepe azul no chão. A segunda foi deslocá-la dezessete centímetros, porque a luz incidia de um jeito diferente do que eu havia previsto.

Eram oito da manhã, a chuva de novembro cobria as janelas do galpão em Łódź, e eu tinha exatamente quarenta e oito horas para convencer seis artesãos de que montar um ateliê coletivo não seria a pior decisão de suas vidas profissionais.

Na tela do tablet, tudo parecia magnífico. Seis estações de trabalho, uma área de produção aberta, uma pequena galeria perto da entrada e uma mesa compartilhada onde seria possível conversar, discutir projetos ou simplesmente tomar café. Eu até já havia escolhido a tonalidade das paredes. Um branco quente, levemente acinzentado, que não roubaria a personalidade dos tijolos antigos.

Na realidade, o galpão cheirava a madeira úmida, poeira e alguma coisa metálica que eu não conseguia identificar. Uma das janelas altas estava rachada, o radiador junto à parede norte não funcionava e um fio elétrico pendia do teto, terminando num conector.

Mesmo assim, senti aquela empolgação familiar.

Eu adorava lugares dos quais os outros já haviam desistido. Galpões vazios, vitrines esquecidas, antigos pontos comerciais cujas placas tinham desaparecido havia muito tempo. Como designer de exposições, aprendera a enxergar um futuro onde a maioria das pessoas via apenas despesas com reformas.

Dessa vez, porém, aquele futuro também seria meu.

Depois de anos realizando projetos para galerias e instituições de outras pessoas, eu queria criar um lugar ao qual voltaria não porque tivesse assinado mais um contrato, mas porque eu mesma escolhera aquele endereço.

Abri a planta sobre uma mesa improvisada e prendi os quatro cantos com pedaços de tijolo. Estava marcando o espaço destinado à exposição de cerâmicas quando ouvi uma voz masculina atrás de mim.

— Se a senhora colocar uma estante ali, daqui a seis meses vai acabar arrancando o reboco junto com ela.

Não me virei imediatamente.

— Bom dia para o senhor também.

— Bom dia. A parede está úmida.

Levantei os olhos da planta. Na porta estava um homem de jaqueta de trabalho escura, segurando uma caixa de ferramentas de madeira numa das mãos e um copo descartável de café na outra. Tinha cabelos curtos, ligeiramente despenteados, uma barba de alguns dias e a expressão de alguém que não pretendia pedir desculpas por dar opiniões que ninguém havia solicitado.

— Eu sei — respondi. — Por isso a estante ficará afastada da parede.

— Quanto?

— Doze centímetros.

Ele me examinou com mais atenção.

— Precisamos de pelo menos vinte, até descobrirmos de onde vem a umidade.

— O senhor é engenheiro civil?

— Marceneiro.

— Nesse caso, fico muito feliz por já termos um parecer preliminar da marcenaria.

O canto de sua boca se moveu. Não o suficiente para que aquilo pudesse ser chamado de sorriso, mas o bastante para me fazer suspeitar de que ele havia entendido perfeitamente meu tom.

Colocou a caixa de ferramentas no chão.

— Jan Brzozowski. Vou montar minha estação de marcenaria aqui. E, pelo que me disseram, ajudar a construir as estruturas das outras estações também.

— Kamila Żur. Sou responsável pelo projeto de todo o espaço.

— Percebi.

Ele olhou para a fita estendida entre as colunas, depois para o tablet e para as amostras de materiais cuidadosamente organizadas.

— Também percebi que tudo já tem seu lugar.

— Essa é a finalidade de um projeto.

— Às vezes, vale a pena perguntar primeiro ao lugar o que ele permite fazer.

Eu não gostava de pessoas que confundiam experiência com o direito de tomar decisões pelos outros. Gostava menos ainda daquelas capazes de colocar várias horas do meu trabalho em dúvida com uma única frase.

Ainda assim, em vez de ignorá-lo, perguntei:

— Então, na sua opinião, o que este galpão quer?

Jan deixou o copo de café de lado e caminhou até a janela enorme. Agachou-se perto de uma antiga viga de

madeira, tocou sua superfície e depois observou a luz que atravessava o vidro sujo.

— Que não o tratem como uma caixa vazia.

A resposta era irritantemente boa.

Eu reconhecia aquele tipo de observação. Ele não estava tentando impressionar ninguém com seus conhecimentos técnicos nem vencer uma discussão. Falava da madeira da mesma maneira que eu pensava nos espaços: como algo que possuía uma história própria, limitações e possibilidades.

Durante alguns instantes, observei sua mão deslizar pela viga, os dedos parando junto a uma antiga emenda. Eram mãos largas, marcadas por pequenos sinais do trabalho cotidiano, mas ele fazia aquele movimento com uma delicadeza surpreendente.

— A viga vai ficar — anunciei.

— Ótimo.

— Planejei a iluminação ao redor dela.

— Melhor ainda.

— E a estante ficará a vinte centímetros da parede, se confirmarmos a origem da umidade.

Dessa vez, ele sorriu de verdade.

— A senhora sabe mudar de ideia.

— Não se acostume.

Ele soltou uma risada baixa, e senti uma satisfação inesperada. Não porque tivesse conquistado sua aprovação. Era mais porque, pela primeira vez em muitas semanas, alguém havia tratado meu projeto como o início de uma

conversa, e não como um produto acabado que deveria ser aceito sem pensar.

Meu celular vibrou no bolso.

Olhei para a tela e me arrependi imediatamente.

Era uma mensagem de Magda Rosińska, uma produtora de exposições com quem eu havia trabalhado alguns anos antes.

Kamila, a oportunidade de Copenhague voltou. Dessa vez, temos orçamento de verdade. Preciso da sua resposta até sexta-feira. Três meses, com possibilidade de prorrogação. Ligo à noite.

Li a mensagem duas vezes.

Copenhague.

Não era a primeira vez que alguém me oferecia a oportunidade de trabalhar fora. Tampouco era a primeira vez que eu me imaginava numa cidade estrangeira, trabalhando com uma grande equipe internacional e participando de uma exposição que poderia acrescentar ao meu portfólio sem a menor hesitação.

Só que, dessa vez, eu estava dentro de um galpão que deveria se transformar no meu primeiro empreendimento verdadeiramente próprio.

Guardei o celular antes que Jan pudesse ver a tela.

— Algum problema? — perguntou.

— Não. Coisas do trabalho.

— Isso geralmente significa que existe algum problema, sim.

— Ou que alguém tem mais de um projeto.

— Isso eu entendo.

Ele não insistiu. Aquela pequena demonstração de discrição me surpreendeu mais do que sua franqueza anterior. Eu estava acostumada com pessoas que transformavam a curiosidade num suposto direito à informação e usavam o interesse como justificativa para fazer mais perguntas.

Jan simplesmente voltou a examinar a viga.

Durante os quinze minutos seguintes, conferimos as medidas. Ele media, eu fazia as correções na planta. Discordamos sobre a disposição de duas estações de trabalho, a largura de uma passagem e o lugar destinado às máquinas mais pesadas. Ele não tentou falar mais alto do que eu. Apresentava sempre uma razão concreta e, quando meu argumento se mostrava melhor, aceitava-o sem orgulho ferido.

Aquilo era mais atraente do que eu gostaria de admitir.

Perto da parede oeste, precisamos deslocar um grande painel de madeira. Segurei uma das extremidades antes que ele tivesse tempo de oferecer ajuda.

— É pesado — avisou.

— Percebi.

— Não estava insinuando que a senhora não conseguiria.

— E eu não estava insinuando que precisava ser salva.

Ele me olhou por cima da borda do painel.

— Ótimo. Então podemos simplesmente carregá-lo juntos.

Quando apoiamos a madeira contra a parede, ficamos mais próximos do que a situação exigia. Senti o cheiro da jaqueta dele, de café recém-passado e de madeira. Jan não se afastou bruscamente, nem aproveitou a proximidade para fazer algum gesto de duplo sentido.

Apenas me observou com tranquilidade, como se esperasse que eu mesma decidisse se queria encerrar aquele breve instante.

Fui a primeira a me afastar.

— Ainda preciso verificar a parte dos fundos — falei.

— Lá é mais frio do que aqui.

— Isso não é muito animador.

— Posso mostrar onde o telhado está vazando.

— O senhor sempre é tão eficiente em acabar com o entusiasmo das pessoas?

— Só quando quero que elas construam alguma coisa direito.

Ele seguiu em direção aos fundos, deixando que eu decidisse se queria acompanhá-lo. Por alguns instantes, observei suas costas, o passo firme e a maneira como desviava das irregularidades do piso, como se as conhecesse havia anos.

Depois olhei para o celular.

A mensagem de Copenhague continuava esperando uma resposta.

Eu poderia ficar em Łódź e construir algo duradouro. Poderia partir antes que qualquer coisa tivesse tempo de me prender àquele lugar. As duas possibilidades eram minhas, e era justamente por isso que nenhuma delas parecia simples.

— Kamila? — Jan chamou do fundo do galpão. — Você vem?

Era a primeira vez que ele pronunciava meu nome sem a distância formal de antes. Soou natural, como se não precisasse pedir permissão para mudar o tom, mas, ao

mesmo tempo, não presumisse que aquela mudança lhe concedia qualquer outro direito.

— Já estou indo.

Guardei o celular e fui atrás dele.

Na passagem, porém, parei por um instante. Jan estava alguns passos adiante, sob a única lâmpada que funcionava. Quando virou a cabeça, nossos olhares se encontraram na penumbra.

Pensei então que o perigo nem sempre estava nas grandes promessas ou nas pessoas que tentavam mudar nossa vida.

Às vezes, bastava alguém que simplesmente abria espaço ao seu lado.

E eu, parada ali com a planta de todo o ateliê nas mãos, não conseguia responder a uma única pergunta: será que um dia eu saberia abrir espaço para ele na minha própria vida sem, para isso, abrir mão de mim mesma?

Capítulo 1 - Condições que não estavam no projeto

Na manhã seguinte, cheguei ao galpão com três versões impressas do projeto, café numa garrafa térmica e a determinação de não deixar Jan Brzozowski me tirar do sério.

Às nove e meia, eu apresentaria a proposta a todos os futuros usuários do ateliê. No dia anterior, havia ajustado a disposição das estações de trabalho, levando em consideração algumas observações dele, mas não pretendia entregar a direção do empreendimento só porque Jan sabia falar de madeira de maneira convincente.

À primeira vista, o galpão parecia exatamente igual ao do dia anterior. Só quando me aproximei da mesa percebi que alguém havia colocado seis cadeiras diferentes ao redor dela. Uma era de madeira clara, duas eram de metal e as demais provavelmente vinham da época em que o prédio servia para armazenar tecidos. Sobre cada cadeira havia uma folha com o nome de um dos futuros ocupantes.

No meu lugar, estava uma caneca com a inscrição: "A designer tem sempre razão".

— Isso é uma provocação? — perguntei quando Jan apareceu detrás de uma estante.

— Prefiro chamar de tentativa de melhorar o clima antes da reunião.

Ele vestia um suéter escuro, com as mangas dobradas até os cotovelos. Parecia menos austero do que no dia anterior, embora a maneira como olhou para meus documentos anunciasse outra discussão.

— Como você sabia onde eu ia me sentar?

— Escolhi o lugar com a melhor visão de todos. Imaginei que você escolheria o mesmo.

— E se eu quisesse sentar em outro lugar?

— Bastaria mudar a folha de cadeira.

Peguei a caneca e descobri que estava vazia.

— Pelo menos você não escolheu meu café por mim.

— Ainda não conheço suas preferências.

A palavra "ainda" ficou suspensa entre nós de uma maneira surpreendentemente perceptível. Coloquei a caneca de volta na mesa, fingindo interesse pelos documentos. Jan não fez nada para tirar proveito do meu constrangimento momentâneo.

A primeira a chegar foi Zofia, uma ceramista de pouco mais de cinquenta anos que mantinha havia muito tempo um pequeno ateliê em Bałuty. Depois dela vieram Natalia, que trabalhava com arte têxtil, Michał, encadernador, Lena, joalheira, e Paweł, restaurador de luminárias antigas. Jan era o sexto artesão. Todos tinham necessidades diferentes e a mesma convicção inabalável de que seu trabalho exigia as melhores condições possíveis.

Apresentei o projeto numa tela instalada perto da entrada. Falei da galeria compartilhada, das oficinas abertas à comunidade e de um espaço que combinaria produção artesanal com exposição dos objetos concluídos. No início, a conversa seguiu conforme o planejado. Natalia ficou encantada com a luz da janela sul, Michał perguntou sobre armários com fechadura e Lena quis saber se poderia receber clientes sem precisar conduzi-los pela área de produção.

Eu havia previsto todas aquelas perguntas.

O que não havia previsto era o que Jan diria quando chegássemos ao cronograma.

— Não posso concordar com a data de inauguração enquanto não definirmos quem será responsável pela preparação das instalações e pela inspeção técnica das estações de trabalho.

Na tela aparecia a data prevista para a inauguração: vinte e três de janeiro.

— O cronograma tem uma margem de segurança — respondi.

— Dez dias.

— Doze, se o fornecedor das estruturas cumprir os prazos.

— E se não cumprir?

— Nesse caso, faremos os ajustes necessários.

Jan apoiou as mãos na mesa.

— É exatamente por isso que precisamos estabelecer regras antes de começar a construir qualquer coisa.

Zofia largou a caneta.

— Jan tem razão. Preciso avisar sobre a rescisão do aluguel atual com a antecedência exigida. Não posso transferir meu forno para um lugar e descobrir depois que a instalação elétrica ainda não está pronta.

Senti o terreno desaparecer sob minha apresentação cuidadosamente preparada.

— Não estou propondo que ninguém se mude para um imóvel inacabado — esclareci. — A data é uma meta de organização, não uma imposição.

— Então vamos registrar o que precisa acontecer para que essa meta seja viável — disse Jan.

Ele não levantou a voz. Não tentou me ridicularizar. Mesmo assim, tive vontade de lembrá-lo de que fora eu quem passara os últimos quatro meses conversando com o proprietário do prédio, elaborando a proposta e procurando recursos para a reforma.

— Podemos discutir isso depois da apresentação — sugeri.

— Podemos. Mas todos deveriam saber exatamente com o que estão se comprometendo.

Michał concordou com a cabeça. Natalia me lançou um sorriso de desculpas. Eu sabia que, se insistisse em voltar aos slides naquele momento, perderia algo mais importante do que o controle da reunião.

Desliguei o projetor.

— Tudo bem. Vamos conversar sobre as condições.

Durante a hora seguinte, reunimos exigências que eu vinha tratando como simples detalhes de execução. Precisávamos de inspeções elétricas específicas, definir a responsabilidade pela ventilação, estabelecer regras de acesso ao depósito e obter uma confirmação por escrito sobre quais equipamentos poderiam ser ligados antes do término da reforma. Zosia não podia abrir mão de seu ateliê atual cedo demais. Paweł precisava de tempo para transportar os equipamentos pesados. Lena poderia começar a trabalhar em sua bancada de joalheria antes de a galeria compartilhada ficar pronta.

Escutei, fiz anotações e aos poucos descobri que meu projeto não estava desmoronando. Estava deixando de ser a

visão de uma única pessoa para se transformar num espaço que outras seis pessoas realmente poderiam utilizar.

Era uma descoberta desconfortável.

Quando os participantes saíram para examinar a área dos fundos, Jan permaneceu junto à mesa. Deslizava o dedo pelo cronograma impresso, parando nas diferentes datas.

— Você poderia ter me avisado antes que pretendia questionar o prazo na frente de todo mundo — falei.

Ele ergueu a cabeça.

— Não pretendia questioná-lo. Queria entender com base em que ele havia sido estabelecido.

— Você sabe perfeitamente qual foi o resultado.

— Sei que agora temos seis pessoas que não tomarão decisões com base em informações incompletas.

— E eu tenho uma semana inteira de trabalho extra pela frente.

Ele largou a folha.

— Posso assumir parte desse trabalho.

— Não é essa a questão.

— Então qual é?

Afastei a cadeira e fui até a janela. Um bonde passou do outro lado do vidro, e o asfalto molhado refletia as luzes dos carros. Por um instante, me perguntei quanto poderia revelar a um homem que conhecera apenas no dia anterior.

— A questão é que este projeto é meu — respondi finalmente. — Não estou falando da propriedade do prédio. A ideia é minha, a responsabilidade é minha e minha reputação está em jogo. Passei meses ouvindo que não daria certo, que o lugar era complicado demais, que eu

deveria me dedicar a alguma coisa mais segura. Agora que finalmente está começando a tomar forma, não quero que alguém assuma o controle.

Jan ficou em silêncio por alguns instantes.

— Não quero assumir o controle.

— Então o que você quer?

— Que você permita que as pessoas digam do que precisam antes de lhes prometer uma solução pronta.

Não foi apenas o conteúdo da resposta que me atingiu. Pela primeira vez, ele se dirigia a mim de maneira informal, como se nossa conversa tivesse chegado a um território onde as formalidades já não faziam sentido.

— É fácil falar — retruquei. — Você não é responsável pelo conjunto.

— Mas sou responsável pela minha parte. Se eu planejar mal a oficina, não conseguirei atender aos pedidos. Tenho clientes, profissionais que trabalham comigo nos projetos maiores e compromissos que não posso adiar com um simples telefonema.

— Eu entendo.

— Não tenho tanta certeza.

Lancei-lhe um olhar duro.

— Cuidado.

Ele sustentou meu olhar.

— Kamila, não estou desmerecendo seu trabalho. É justamente por isso que quero que este projeto sobreviva à primeira semana difícil, em vez de apenas parecer bonito no dia da inauguração.

A resposta que eu havia preparado de repente me pareceu infantil.

Em vez de dizê-la, peguei um lápis.

— Que solução você propõe?

Jan se aproximou da mesa e abriu uma folha ao lado da minha planta. Não afastou meus documentos sem pedir licença. Indicou três etapas: preparação do espaço, início do funcionamento das estações de trabalho e, só depois, inauguração da galeria. Cada uma teria sua própria data e condições específicas para ser considerada concluída.

— Você quer adiar a inauguração em um mês — observei.

— Quero evitar que anunciemos uma data e depois tenhamos que fingir que tudo está pronto.

— Tenho compromissos com o proprietário.

— Quais?

Expliquei as condições do contrato. Durante os primeiros três meses, o aluguel seria reduzido, mas aumentaria a partir de fevereiro. Cada atraso significava ter de arcar com os custos sem a receita da galeria e das oficinas.

Jan não comentou imediatamente. Pegou uma calculadora e começou a comparar as despesas.

— Se colocarmos parte das estações em funcionamento antes, as pessoas poderão trabalhar mesmo que a galeria ainda não esteja pronta — disse alguns minutos depois.

— E a inauguração?

— Podemos fazê-la em duas etapas. Primeiro, para os clientes dos artesãos. Depois, um evento aberto ao público.

Inclinei-me sobre a folha. A ideia era prática, mas faltava nela algo que constituía a essência do meu projeto.

— Não quero que a galeria se torne um complemento para o qual um dia talvez encontremos tempo.

— Então vamos estabelecer uma data que não poderá ser alterada sem uma decisão conjunta.

— E um orçamento que não poderá ser transferido para as oficinas.

Ele assentiu.

— Combinado.

Durante a meia hora seguinte, revisamos o cronograma. A cada novo acordo, a tensão entre nós mudava de natureza. Continuávamos discordando, mas deixamos de tratar cada diferença de opinião como uma tentativa de conquistar vantagem.

Jan demonstrou ser paciente nas questões técnicas e implacável diante de explicações vagas. Quando eu dizia que alguma coisa "deveria dar certo", ele perguntava o que exatamente eu queria dizer. Quando ele afirmava que determinada solução "seria mais segura", eu exigia uma justificativa concreta.

Em determinado momento, nossas mãos se encontraram sobre o mesmo lápis. Nós dois as retiramos quase simultaneamente.

— Por favor — disse ele, empurrando o lápis na minha direção.

— Que concessão elegante.

— Não se acostume.

Sorri antes que pudesse evitar.

Quando os outros voltaram, apresentamos nossa proposta conjunta. Cada um recebeu tarefas e a

possibilidade de sugerir alterações até sexta-feira. Zofia demonstrou um alívio evidente, e Natalia se ofereceu para cuidar das cortinas provisórias que separariam as estações de trabalho.

Depois da reunião, fiquei para organizar os documentos. Jan fechou a caixa de ferramentas, mas não foi embora.

— Ainda está com raiva de mim? — perguntou.

— Ainda estou avaliando.

— Tem algum prazo para tomar uma decisão?

— Ao contrário de você, não preciso de um cronograma para tudo.

Ele se apoiou na mesa.

— Que bom. Eu já estava começando a ficar preocupado.

Observei-o com mais atenção. Tinha trinta e nove anos, conforme os documentos dos participantes do projeto, e havia alguma coisa em seu rosto que eu não conseguia definir com precisão. Não parecia um homem a quem a vida tivesse poupado decepções. Apesar disso, seu sorriso não tinha nada de cínico.

— Afinal, por que você decidiu participar desse ateliê? — perguntei.

— Porque quero ter um lugar do qual não precise sair a cada dois anos.

— Você teve que mudar sua oficina?

— Três vezes em sete anos. Aluguéis aumentando, proprietários mudando, prédios sendo vendidos. Todas as vezes, precisei desmontar tudo o que havia construído.

Ele olhou de relance para a viga perto da janela.

— Gostaria de finalmente construir alguma coisa pensando em mais do que uma única temporada.

Sua resposta foi tranquila, mas não soou como uma informação sem importância.

— E eu gostaria de criar um lugar que não me prendesse a uma única maneira de viver — falei.

Ele me olhou com interesse.

— Acho que essa será a parte mais difícil do nosso projeto.

— Por quê?

— Porque eu sempre começo pelos alicerces, e você, pelas portas abertas.

Soltei uma risada baixa.

— Talvez uma coisa não exclua a outra.

— Talvez.

Ficamos frente a frente por alguns instantes, separados por uma mesa coberta de anotações e correções. Já não havia nada urgente para resolver e, mesmo assim, nenhum de nós procurou o casaco.

— Kamila?

— Sim?

— Da próxima vez, vou avisar antes se quiser mudar o rumo de uma reunião.

Aceitei a promessa com um aceno de cabeça.

— E eu vou tentar não interpretar cada observação sua como um ataque à minha competência.

— Um plano ambicioso.

— Não estrague o momento.

Ele sorriu, mas dessa vez não respondeu com uma brincadeira. Olhou para mim com tanta atenção que precisei baixar os olhos para as plantas.

Quando finalmente foi embora, percebi que havia deixado seu número de telefone e uma breve mensagem no verso de uma das folhas impressas.

Se mudar alguma coisa no cronograma, me ligue. Se quiser discutir, também pode.

Li a mensagem duas vezes.

Depois salvei o número dele, embora já tivesse seu contato profissional nos documentos do projeto.

Dessa vez, eu queria ter um motivo para ligar por vontade própria.

Capítulo 2 - A Distância entre Duas Cadeiras

Na sexta-feira, às sete da noite, Jan me enviou uma fotografia de uma mesa de madeira.

Não era especialmente impressionante. Tinha um tampo retangular de freixo claro, quatro pernas robustas e uma pequena mancha perto de uma das bordas. Na fotografia, estava numa sala quase vazia, onde se viam apenas uma janela e um pedaço de piso escuro.

Abaixo da imagem havia uma mensagem.

Encontrei uma solução para a área compartilhada do ateliê. A mesa é para você examinar, não para comprar sem ver. Amanhã posso mostrar como foi construída.

Respondi que, se ele pretendia me convencer a aceitar outro móvel pesado, deveria preparar argumentos muito bons.

Vou preparar café. Os argumentos já estão prontos.

Sorri para o celular, depois o coloquei sobre a escrivaninha e voltei a revisar o orçamento. Durante três dias, havíamos trabalhado separadamente nas decisões tomadas durante a reunião. Jan enviara uma lista de exigências técnicas, e eu preparara uma nova distribuição das estações de trabalho e uma proposta para a inauguração em etapas. Não conversáramos sobre nada pessoal, embora eu tivesse me surpreendido várias vezes procurando o nome dele entre as notificações.

Na manhã seguinte, fui ao endereço indicado, em Stare Polesie. A oficina ficava no pátio interno de um antigo prédio residencial, atrás de um portão pesado que dava acesso a

uma longa passagem coberta. Na parede havia uma pequena placa com o sobrenome de Jan e o horário de funcionamento.

A porta estava entreaberta.

Lá dentro, o ar tinha cheiro de madeira, óleo e café recém-moído. À esquerda, havia máquinas cujos nomes eu desconhecia; à direita, fileiras de tábuas cuidadosamente organizadas. Junto à parede dos fundos, vi uma mesinha com duas canecas de cerâmica.

Jan trabalhava junto a uma morsa. Quando me viu, largou a ferramenta e tirou os óculos de proteção.

— Pontual — observou.

— Surpreso?

— Mais para satisfeito.

Vestia uma camiseta cinza e calças de trabalho escuras. Sem a jaqueta, parecia diferente, mais descontraído. Percebi uma pequena cicatriz em seu antebraço e a maneira como ajeitou a manga instintivamente antes de me entregar a caneca.

— Sem açúcar — disse. — Se eu tiver adivinhado errado, tem açúcar na prateleira.

— Adivinhou certo.

— Primeiro sucesso do dia.

O café era forte e quente. Examinei a oficina, tentando não demonstrar interesse excessivo por seu proprietário. Na verdade, tudo naquele lugar revelava alguma coisa sobre Jan. As ferramentas tinham seus lugares, mas havia projetos em andamento sobre a bancada. Numa gaveta, encontrei desenhos de móveis; em outra, amostras de diferentes espécies de madeira.